



# Um Dragão nos Andes?

## A Reserva de Energia entre China, Venezuela e Estados Unidos

**Daniel P. Erikson**

O JORNAL VENEZUELANO *EL Universal* publicou em agosto de 2005 uma entrevista com o Embaixador chinês em Caracas. O Embaixador disse que a China tem capacidade para absorver a produção do petróleo venezuelano e retirar os Estados Unidos do mercado. No entanto, rapidamente acrescentou que não vê essa necessidade para nenhum dos países envolvidos.<sup>1</sup> Essa entrevista ressalta a crescente tensão entre a China, Estados Unidos e Venezuela, quanto à reserva do petróleo venezuelano, decorrente da contínua expansão da China no mercado do Hemisfério Ocidental.

O crescimento do papel da China no setor energético da América do Sul significa uma ameaça aos interesses americanos? Atualmente essa questão tem provocado desentendimentos entre políticos americanos que acompanham com preocupação três tendências. Primeiro, refere-se ao crescimento da China como potência econômica mundial, com possibilidades de desafiar o domínio americano na próxima metade de século. Segundo, a influência americana na América do Sul vem decaindo, considerando o número de líderes sul-americanos, encabeçados pelo presidente venezuelano de esquerda Hugo Chávez, que tem adotado uma postura antiamericana. Terceiro, garantir o acesso às fontes de energia constitui-se uma preocupação central, em face da escassez no mercado e da elevação dos preços do barril a \$70. Confirmando esse fato, o aumento dos interesses chineses no mercado de energia do Hemisfério Ocidental tem repercutido em toda a região, com possibilidades de acarretar grandes conseqüências para as reservas americanas de energia.

### Espremendo o Petróleo do Mundo

A demanda chinesa por petróleo tem crescido acentuadamente desde 1993, quando a China se tornou importadora de óleo bruto. Em 2003, a China superou o Japão, tornando-se o segundo maior importador de petróleo depois dos Estados Unidos. Segundo o Departamento de Energia dos EUA, hoje a China representa 40% do crescimento da demanda por petróleo desde 2001. De fato, o consumo chinês de petróleo está crescendo 7 vezes mais rápido que o crescimento dos Estados Unidos, que tem sido de 7,5% por ano.<sup>2</sup> A Agência Internacional de Energia sediada em Paris prevê que em 2030 a importação chinesa de petróleo será igual a atual importação americana.

*Daniel P. Erikson é sócio antigo de política americana no diálogo entre as Américas em um fórum político sobre assuntos do Hemisfério Ocidental com base em Washington. Ele publicou mais de trinta artigos sobre questões regionais e é co-editor de Transforming Socialist Economies: Lessons for Cuba and Beyond (Transformação das Economias Socialistas: Lições para a Cuba e demais países) (Nova York, Palgrave MacMillan, 2005). Ele possui o título de Bacharel pela Brown University e o de Mestre pela Escola de Governo John F. Kennedy da Universidade de Harvard.*

Enquanto isso, os Estados Unidos que consomem 25% da produção de petróleo no mundo e contribuem apenas com 3% dessa, continuam dependendo da importação desse produto, um fato que pode representar uma vulnerabilidade.<sup>3</sup> Desde 1980, a balança do poder de negociação está favorecendo os países produtores de petróleo, devido ao crescimento de



*O presidente chinês Jiang Zemin e o presidente venezuelano Hugo Chávez trocam acordos assinados em Caracas, Venezuela, em 17 de abril de 2001. Os dois firmaram acordos sobre agricultura, taxaço e energia e a construção de uma refinaria na Venezuela para a exportação de derivados de petróleo para a China.*

nações em desenvolvimento como a China e Índia, o que pode influir na dependência americana do petróleo. Até quando essa situação persistirá é uma dúvida, embora tudo indique que deverá permanecer no futuro próximo.

A China continua importando a maior parte de suas necessidades de petróleo do Oriente Médio. Prevendo uma tendência do aumento dessas necessidades, a China tem procurado outros provedores, sobretudo no Hemisfério Ocidental. Como resultado, a China tem concretizado diversas negociações de importação de petróleo e gás com o Canadá e outros países da América do Sul, como Argentina, Brasil, Equador, Peru e Venezuela. Conseqüentemente, os EUA estão apreensivos quanto às negociações da China para entrada no mercado de fontes de energia. O prognóstico aponta para o crescimento da competição pela importação do petróleo, fato que pode vir a gerar uma série de atritos entre os envolvidos.

## **O impulso de Pequim em direção ao Sul**

Com o objetivo de reduzir a dependência da Venezuela dos Estados Unidos, o Presidente Hugo Chávez tem aumentado às preocupações

dos americanos, quando manifesta seu desejo de encontrar um mercado alternativo para o óleo bruto de seu país. Por um lado, a China tem acenado com inúmeros sinais sobre seu interesse em ser este mercado, por outro lado tem declarado que os Estados Unidos não têm motivos para se preocupar sobre o assunto.

Apesar da política ambígua da China, é evidente o crescimento de suas relações econômicas com países da América Latina, sobretudo com a Venezuela. Há uma década atrás, a China era vista como um país periférico da região. Hoje, apesar de ainda longe de ter um papel dominante (representa apenas 1% do investimento estrangeiro na América Latina), a China ocupa um lugar importante nas relações comerciais com a América Latina.

Esse crescimento é resultado da inserção econômica da China na América Latina nos últimos 10 anos, fenômeno intensificado desde 2001. Naquele ano, a visita do Presidente Chinês Jiang Zemin à região antecedeu inúmeras negociações entre setores oficiais e empresariais chineses e latino-americanos, quando foram discutidos temas políticos, econômicos e militares. O sucessor do presidente Jiang,

Hu Jintao, viajou à Argentina, Brasil, Chile e Cuba em 2004 e visitou o México em 2005. Os Presidentes de todos esses países, dentre outros, retribuíram essa visita.

O volume extremamente crescente das negociações de mercado da China na região tem sido acompanhado, também, de assuntos de natureza política. Nos últimos seis anos, a importação chinesa da América Latina cresceu seis vezes, o que significa, aproximadamente 60% ao ano, para uma estimativa de \$50 bilhões em 2005. A China tornou-se um líder no consumo de alimentos, minerais e outros produtos da América Latina, beneficiando na região, principalmente, países produtores como Argentina, Brasil, Peru e Chile. A China igualmente compete com os Estados Unidos em produtos manufaturados, inserindo-se nos mercados do México e da América Central e, recentemente, do Brasil e da Argentina.

Mantendo uma visão global, é importante destacar que embora metade do investimento externo da China em 2004 tenha ocorrido na América Latina, o montante total representa apenas modestos 6,5 bilhões de dólares. Entretanto a China tem anunciado que aumentará seus investimentos na América Latina para 100 bilhões de dólares até 2014. No entanto, considerando que muitos investimentos já foram reduzidos no Brasil, Argentina e em outros países da região, os chineses começam a dar sinais de que essas projeções estão fora do contexto. Em geral, o engajamento da China na América Latina aumentou muito, considerando-se os requisitos de uma economia em expansão que tem crescido aproximadamente 10% ao ano, nos últimos 25 anos.

A ascensão da influência chinesa na América Latina tem levado autoridades e congressistas americanos a verem a China como o desafio mais sério aos interesses econômicos e à segurança dos EUA desde a Guerra Fria. Os políticos americanos mencionam suas preocupações sobre o contrato de exploração do Canal do Panamá por uma empresa chinesa, o envio de Forças de Paz ao Haiti, o apoio chinês em Cuba de Fidel Castro e o crescimento de Beijing na questão do petróleo venezuelano.

Embora essas preocupações possam ser precipitadas, a competição dos chineses

pelos recursos de energia da América Latina certamente tem criado uma nova era de incertezas para políticos americanos. Até mesmo uma interpretação mais inocente da inserção da China no mercado da América Latina permite concluir que aquele país está aumentando suas necessidades de recursos e, portanto, buscando novos mercados, o que significa uma perda potencial para os interesses empresariais americanos. Entretanto, uma visão mais pessimista identifica como antiamericana a relação da Venezuela com a China, sob a liderança desse último, incluindo outras nações exportadoras de fontes de energia da América Latina e de outras regiões. Potencialmente, esta aliança pode isolar e comprometer a economia americana. Alguns analistas preocupam-se com o fato de que se essa ligação for prejudicada ou ameaçada, poderá ocorrer uma situação de conflito assimétrico contra os Estados Unidos, quando lhe seria vedado o suprimento vital de petróleo. Dadas as dificuldades ou limitações atuais, esta ação drástica dificilmente poderia acontecer, uma vez que provocaria um dano maior aos países causadores da ameaça à aliança do que ao próprio Estados Unidos.

## **As Tensões entre Venezuela e Estados Unidos**

Independentemente das preocupações com a segurança provocadas pelo crescimento do papel da China na região, a Venezuela tornou-se uma fonte de desconfiança para os Estados Unidos. O Presidente Hugo Chávez, eleito com grande aprovação popular em 1998, foi reeleito sob uma nova Constituição em 2000, sobreviveu a um breve golpe em 2002, combateu uma greve de empregados da Companhia Estatal de Petróleo (PDVSA) em 2003 e saiu vitorioso no referendo de 2004. Além do mais, o Presidente Chávez reúne condições para vencer as eleições marcadas para o final deste ano. Desde 1998, Hugo Chávez consolidou o seu controle sob a maioria das instituições governamentais e a oposição ao seu regime foi desfeita.

Os Estados Unidos estão particularmente preocupados com a política ostensiva de Chávez sobre a utilização dos recursos venezuelanos para minar a influência americana regional e global. Coordenando seus objetivos, Chávez

tem buscado apoio entre os inimigos americanos incluindo Cuba e mais recentemente a República Islâmica do Irã. A Venezuela também tem adotado uma postura agressiva na OPEP e tem defendido a política de manutenção dos altos preços do petróleo.

Chávez tem sido particularmente atuante nas Américas. Com o apoio de Cuba, Chávez tem liderado o pacto social e de investimentos na região, conhecido como “A Alternativa Bolivariana para a América Latina” ou ALBA, o contraponto à “Aliança de Livre Comércio entre as Américas” ou ALCA, lançada pelos Estados Unidos. Recentemente, a Bolívia aderiu à ALBA, liderada pelo seu Presidente Evo Morales, eleito em dezembro do ano passado, após uma campanha crítica para a influência dos Estados Unidos na região. A decisão tomada por Evo Morales de nacionalizar o gás boliviano foi influenciada pelo Presidente venezuelano Hugo Chávez.

A relação da Venezuela com o Irã tem sido motivo de maior preocupação para os políticos americanos. O Presidente iraniano anterior, Mohamad Khatami, visitou Caracas três vezes, e assinou vários acordos de cooperação entre os países. O apoio da Venezuela ao Irã consiste em publicamente aprovar o programa de energia nuclear iraniano, com interesse expresso em colaborar com a tecnologia nuclear. A possibilidade de a Venezuela solicitar interferência do Conselho de Segurança das Nações Unidas, em um momento de crescente confronto sobre a programa nuclear iraniano, tem provocado insônia aos diplomatas americanos.

As relações entre a Venezuela e os Estados Unidos já eram tensas quando o Departamento de Estado americano endossou a saída de Chávez em 2002. Desde então, as relações deterioraram-se para um nível de acusações e críticas constantes, feitas por Chávez publicamente, incluindo insultos pessoais e barbaridades contra a administração de Bush e outras autoridades dos Estados Unidos, os quais não têm conseguido permanecer em silêncio diante dos ataques realizados. Durante a audiência para sua confirmação pelo Senado em 2005, a Secretária de Estado Condoleezza Rice descreveu a Venezuela como uma força negativa na região. Recentemente, o Secretário de Defesa Donald Rumsfeld comparou Chávez a Hitler.

Apesar da troca de insultos publicamente, os Estados Unidos e a Venezuela mantêm um relacionamento de benefícios mútuos na questão do petróleo. A Venezuela continua vendendo 1,5 bilhão de barris de petróleo por dia para os Estados Unidos, como o seu quarto maior fornecedor, o que representa 14% da importação total americana. Mais da metade da exportação do petróleo venezuelano vai para os Estados Unidos, cuja maior parte é processada pela companhia CITGO da PDVSA. Essa empresa possui 6 refinarias de óleo e asfalto nos Estados Unidos, com capacidade para refinar 860.000 barris por dia e, além disso, pode armazenar 24 milhões de barris e abastecer 13.800 postos de combustível distribuídos pelos Estados Unidos.<sup>4</sup>

### ***A China tem procurado outros provedores, sobretudo no Hemisfério Ocidental.***

Considerando os limites tecnológicos atuais, seria extremamente difícil para a Venezuela substituir esse volume de venda para os Estados Unidos. O óleo bruto venezuelano tem um conteúdo de enxofre entre 4-5%, valor superior ao do óleo cru (azedo) do Oriente Médio ou da região do Golfo. O leve, considerado óleo fino (doce) do Oriente Médio é utilizado para a produção de 95% de gasolina e combustível de avião.<sup>5</sup> Em comparação, o óleo cru pesado da Venezuela pode chegar a produzir 65% de combustível refinado (acabado), precisando apenas passar por um processo complexo de refinaria. Caso contrário, o óleo bruto é usado como asfalto. Sendo assim, talvez o fator crucial na questão do petróleo entre os Estados Unidos e a Venezuela, seja a capacidade de refino de petróleo da CITGO, sediada nos Estados Unidos.

Não obstante os fatores tecnológicos, o relacionamento na questão do petróleo entre os Estados Unidos e a Venezuela é direcionado por um mercado lógico, baseado na demanda e oferta e nos baixos custos de transporte, em face da proximidade geográfica. Por outro lado, a venda de petróleo para a China representa um custo de

transporte superior, o que diminui as margens de lucro dos fornecedores venezuelanos. Em outras palavras, os fatores de mercado e a capacidade de refino americana, pelo menos em um futuro próximo, apontam para uma estabilidade nas relações de energia entre esses países, independentemente das tensões políticas geradas.

## **A Crescente Aliança entre a China e a Venezuela**

Atualmente, a Venezuela é isolada a maior captadora de investimentos da China em toda América Latina. Esses investimentos estão, principalmente, concentrados em dois campos de petróleo sob coordenação da Cooperativa Nacional de Petróleo Chinesa (SINOPEC). Em 2000, as negociações entre a China e a Venezuela alcançaram \$351 milhões, o que representou um crescimento de 86%, comparado com o ano anterior, enquanto o total de investimentos chineses na Venezuela somam \$530 milhões.<sup>6</sup>

Quando o Presidente Jiang Zemin visitou a Venezuela durante uma viagem a seis países da América Latina em 2001, encontrou um aliado em Chávez, que proclamou admiração pelo Mao, manifestou seu apoio para as Olimpíadas de 2008 na China e, mais importante ainda, se opôs à resolução das Nações Unidas de censurar a China na questão dos Direitos Humanos. Chávez declarou então que: "...não acreditamos que nenhum país tem direito de condenar o outro... por isso iremos votar contra esta decisão".<sup>7</sup> Ele também anunciou ao mundo que iria escrever uma carta, manifestando suas condolências à família do piloto morto na colisão com um avião de espionagem americano no começo daquele mês. Os acordos assinados durante a viagem de Jiang, atingiram a quantia de \$60 milhões, com investimentos na fabricação de tratores e uma série de outros acordos sobre energia, minas, agricultura e taxaço de impostos. Chávez também afirmou que os dois países discutiram a fabricação conjunta de aviões de treinamento militar, os chineses *K-8* e *Y12*, e de aviões de carga venezuelanos.

Em maio de 2001, Chávez retornou de Pequim após uma visita de 5 dias, durante os quais Jiang ressaltou que a China tem "uma atitude positiva em relação a formulação do plano de

cooperação de 10 anos entre os dois países."<sup>8</sup> Chávez ofereceu a Jiang a maior honraria da Venezuela, a Medalha do Libertador, tendo sido firmado um acordo atrativo de troca do petróleo venezuelano por um empréstimo para o setor agrícola. Os dois países assinaram, também, um plano estratégico de energia que se estende até 2011. O plano favorece a exportação do petróleo venezuelano e, ao mesmo tempo, a expansão do seu setor agrícola. Jiang foi favorável a esse plano de cooperação.

A imprensa chinesa publicou sobre o interesse dos dois países na formação de uma ordem mundial multipolar. Jiang afirmou que "o processo de multipolarização será tortuoso e longo, mas constituirá uma tendência histórica irreversível" e "tem importância para que ambos os países, China e Venezuela, sigam cooperando em negociações econômicas e nas áreas de ciência e tecnologia de forma cautelosa e paulatina."<sup>9</sup> A China considera desde então a Venezuela como aliado estratégico e o governo de Chávez, de forma recíproca, tem apoiado o status da China em sua economia de mercado.

Ciente da crescente preocupação de Washington em relação aos investimentos chineses no Hemisfério Ocidental, Hu Jintao decidiu cancelar sua viagem à Venezuela em seu giro pela América Latina em 2004. Mesmo assim, a Venezuela permanece ocupando papel central na estratégia da China quanto à expansão de sua aliança política e econômica na região.

A Venezuela reconhece o papel crucial do mercado chinês para a exportação de seus bens, não apenas de petróleo e gás, mas também de ferro, alumínio, chocolate e café. Assim como os outros países da região, a China tem demonstrado interesse nos investimentos para melhorar a infra-estrutura, tendo em vista facilitar a exportação (por exemplo, desenvolvimento da malha ferroviária e venda de vagões de trem). Em dezembro de 2004, Chávez fez sua terceira visita a China, assinando um acordo sobre negócios de petróleo e gás, que possibilitaram companhias chinesas investirem 350 milhões de dólares em 15 campos de petróleo da Venezuela, e, ainda, 60 milhões de dólares em projetos de gás natural. Em troca, a Venezuela adquiriu radares para melhorar a segurança de sua fronteira com a



AP

Um campo petrolífero da companhia de Petróleos de Venezuela S.A. (PDVSA) em Cabimas, 500 km a Oeste de Caracas, 01 de agosto de 2004.

Colômbia. Esse tipo de cooperação na área de segurança certamente continuará. A Venezuela e a China já estão colaborando na construção do satélite espacial Simon Bolívar para ser lançado em julho de 2008 e Chávez prometeu colaborar dizendo que “não existirá nenhum segredo entre a Venezuela e a China nesses projetos.”<sup>10</sup>

Em janeiro de 2005, o Vice-Presidente chinês Zeng Qinghong assinou 19 acordos de cooperação com Chávez durante sua visita à Caracas, quando 125 autoridades do governo e empresários acompanharam Zeng nessa viagem. A China claramente buscou ampliar seus negócios nas áreas de petróleo e gás. No começo de 2005, o Ministro da Energia da Venezuela Ramirez acalmou as preocupações americanas sobre os interesses dos chineses no óleo cru venezuelano: “Os Estados Unidos não precisam se preocupar. Esta expansão, de nenhuma maneira significa que nós iremos eliminar o mercado norte-americano por razões políticas.”<sup>11</sup>

Porém, em agosto de 2005, a PDVSA instalou um escritório de representação na China e em novembro a SINOPEC assinou dois contratos com essa empresa sobre óleo cru e aquecido. A importação do óleo Venezuelano tem crescido. A administração das importações chinesas relatou que o país importou 1,93 milhão de toneladas de óleo fino e pesado em 2005, aproximadamente 6 vezes superior ao importado no ano anterior. A meta da Venezuela é chegar a vender 300.000 barris por dia de petróleo e derivados de petróleo para a China. Caracas também está construindo navios para o transporte desses

produtos para países asiáticos, especialmente à China. Estas medidas agravaram as suspeitas de que a China e a Venezuela estejam planejando cortar o suprimento de petróleo para os Estados Unidos, aplicando um golpe na economia americana, que já se sente preocupada com os altos preços da gasolina.

A China também tem buscado melhorar sua habilitação para o refino de óleo bruto (tipo “azedo”) venezuelano. As refinarias nacionais começaram a misturar esse óleo bruto com o óleo leve doce produzido domesticamente, gerando um híbrido refinado. A China também tem aumentado rapidamente a sua habilidade de processar o óleo bruto. Em 2004, a capacidade já havia subido para 43 milhões de toneladas por ano ou 863.500 barris por dia, um pouco mais de 12% da capacidade total da China de refinar 7 milhões de barris por dia. A China planeja adicionar entre 400.000 e 500.000 barris por dia em sua capacidade de refino anual até 2010, com o significativo investimento concentrado no óleo bruto ou pesado cru.<sup>12</sup> Esse desenvolvimento sugere que a China e a Venezuela podem estar caminhando para uma cooperação sistêmica sobre assuntos de energia. Entretanto, esta interpretação é simplesmente obscura.

## Evidências Contrárias

Enquanto a Venezuela e a China estão claramente se aproximando, políticos americanos têm poucas evidências de que os dois países estariam conspirando para sufocar o fluxo do mercado de petróleo nos Estados

Unidos (provavelmente com o apoio de outros países antagonistas aos Estados Unidos, como o Irã). Os indicadores dessas aparentes ameaças citadas acima podem ser enviesados.

Em 2005, a quantidade de 1,93 milhão de toneladas importadas pela China representaram apenas 1,5% de seu total bruto de importação.<sup>13</sup> O aumento da capacidade de refino da China também não é preocupante. A nova tendência de mistura do óleo azedo com o óleo leve bruto não será de grande utilidade para o óleo Venezuelano, pois somente as refinarias da costa chinesa poderiam refinar o óleo Venezuelano com mais de 3% de conteúdo sulfúrico, já que as refinarias no interior da China não processam o óleo com

***A relação existente entre a China e a Venezuela provavelmente não gera alarme imediato, o que não significa que os políticos americanos devem minimizar a importância desta parceria. Na realidade, a China pode eventualmente buscar estabelecer-se como potência e rival convencional contra os Estados Unidos no Hemisfério Ocidental.***

percentual maior de 1% de conteúdo sulfúrico. Sendo assim, qualquer mistura provavelmente conterá uma pequena quantidade de óleo azedo.

As novas refinarias também não ajudarão nestas questões. A maior parte do óleo bruto para ser refinado pelas novas refinarias chinesas será importado da Arábia Saudita, que representa mais de 25% do projeto de Refinaria Fujian da SINPEC, incluindo, também, a refinaria adicional de Qingdao. Esses acordos pré-existentes com a Arábia Saudita deixam pouco espaço para o processamento do óleo azedo Venezuelano em quantidade suficiente para terminar o abastecimento atual de óleo aos Estados Unidos.

Uma dificuldade adicional refere-se a tentativa Venezuelana de construir um tanque de transporte marítimo para exportar óleo para a Ásia. As

realidades geográficas representam verdadeiros obstáculos para o projeto Venezuelano. As três principais opções de transporte de petróleo da Venezuela são de altos custos e inviáveis, seja por intermédio do canal do Panamá, por meio de um oleoduto a ser construído cruzando a Colômbia até chegar ao Pacífico ou sendo transportado pelo Cabo Horn no extremo sul das Américas. Considerando o transporte de óleo bruto pesado, a proporção desfavorável entre preço e peso significa custo mais elevado desfavorecendo ainda mais o transporte para uma distância maior. Como o petróleo é um recurso natural não-renovável, investidores Chineses estão avidamente interessados na obtenção de lucros maiores no mercado mundial. Caso a Venezuela estivesse seriamente interessada em eliminar o mercado americano exportando seu petróleo para a China, teria de assumir os elevados custos do transporte do produto até aquele País. Em curto prazo, caso Chávez venha a romper o abastecimento de óleo para os Estados Unidos, teria que arcar, também, com o enorme preço político dessa medida com sérias conseqüências econômicas.

Outro obstáculo na tentativa de usar a negociação do óleo entre a China e a Venezuela como uma arma contra os Estados Unidos refere-se à má administração da indústria do petróleo no governo de Chávez e uma falha de seu governo no adequado investimento na infra-estrutura do setor. Em fevereiro de 2006, o ministro de energia Venezuelano anunciou seus planos de dobrar a exportação de óleo para China de 150.000 para 300.000 barris por dia, mas a maioria dos observadores duvidam que este plano seja sustentável.<sup>14</sup>

Certamente o crescimento da demanda Chinesa por energia e a administração Venezuelana do setor petrolífero tem implicações importantes para a segurança no setor de energia para os Estados Unidos. Porém o comprometimento do abastecimento de energia nos Estados Unidos é mais provável de acontecer como conseqüência da demanda e produção de óleo no mercado global do que pelo corte abrupto de suprimento de petróleo aos Estados Unidos fruto da conspiração dos dois países. Os consumidores de óleo americano terão tempo para adaptar-se a mudança neste mercado e poderão comprá-

lo em outros mercados que foram deslocados pelo acordo entre a China e a Venezuela. Além disso, caso a China e a Venezuela cortem o fornecimento desse produto aos americanos (um cenário altamente especulativo), o mercado global rapidamente vetaria a possibilidade de se montar uma aliança de óleo isolando os Estados Unidos.

Independente da fantasia de Hugo Chávez de ter os Estados Unidos como refém de seu império de reservas de petróleo, qualquer mudança nas condições atuais da exportação de óleo aos americanos causaria uma devastação na economia Venezuelana colocando em perigo o governo de Chávez. A China, por seu lado, entende a percepção americana sobre isto como um rival emergente. A China tem evitado provocações políticas no Hemisfério Ocidental e procurado manter o foco nas negociações econômicas.

Finalmente, Pequim esta procurando estabelecer um acordo de suprimento a longo prazo e poucos oficiais do alto escalão chinês estão interessados em estabelecer uma parceria com um líder imprevisível e volúvel como Chávez. Durante os encontros recentes com outros presidentes da América do Sul, Chávez ameaçou explodir os campos de óleo venezuelano em resposta a uma possível ameaça de invasão Americana.<sup>15</sup> Uma retórica audaciosa como tal dificilmente ganhará suporte de investidores chineses, especialmente porque têm acesso a produtos de seus parceiros do Meio Oriente nas suas proximidades e de melhor qualidade.

## Uma Análise prudente

A relação existente entre a China e a Venezuela provavelmente não gera alarme imediato, o que não significa que os políticos americanos devem minimizar a importância desta parceria. Na realidade, a China pode eventualmente buscar estabelecer-se como potência e rival convencional contra os Estados Unidos no Hemisfério Ocidental. Mesmo que isto não aconteça, a China certamente continuará em seu objetivo de obter estabilidade no comércio de bens para sustentar o crescimento de sua economia e alimentar sua população.

A competição pela energia da América Latina se intensificará quando muitas nações estiverem exercendo controle sobre suas reservas de óleo e gás. A Venezuela buscou e alcançou o controle dos empreendimentos de risco no setor de companhias estrangeiras, assim como o governo boliviano recentemente nacionalizou o setor de gás no País, tendo, inclusive, enviado tropas para garantir tal medida. Recentemente, o Equador cancelou seus contratos com os Estados Unidos com base na Corporação de Petróleo Ocidental, desencadeando uma disputa de mercado com Washington. Esses incidentes talvez criem oportunidades para que companhias estatais de petróleo chinesas tenham um papel maior no setor de energia na região. Os políticos norte-americanos necessitam estar vigilantes e alertas. A longo prazo a estabilidade no setor de energia poderá adotar novos rumos em resposta a nova dinâmica do crescimento da potência econômica da China e do nacionalismo ressurgente na América Latina. **MR**

## Referências

1. GIUSTI, Roberto, "Entrevista: El Embajador de China Saluda la Llegada de PDVSA a Pekin," *El Universal*, Caracas, 28 Agosto 2005.

2. LUFT, Gal, "Fueling the Dragon: China's Race into the Oil Market," *Institute for the Analysis of Global Security*. Disponível em: <<http://www.iags.org/china.htm>>, acesso em 23 de Junho de 2006.

3. "Nervous Energy," *The Economist*, 5 de janeiro de 2006.

4. IXER, Steve, "Venezuela aims to double exports to China; Goal of 300,000 b/d won't impact US supply," *Platts Oilgram News*, 17 de fevereiro de 2006.

5. FISHER, Daniel, "Hugo's Folly," *Forbes.com*, 3 de fevereiro de 2005, <[http://www.forbes.com/business/2005/02/03/cz\\_df\\_0203citgo.html](http://www.forbes.com/business/2005/02/03/cz_df_0203citgo.html)>.

6. OLSON, Alexandra, "Jiang Visits Venezuela, Winning Support Against Human Rights Resolution," *Associated Press*, 16 de abril de 2001.

7. Ibid.

8. Um comunicado da Embaixada da China, "President Jiang Zemin Meets Venezuelan President Hugo Chávez Frias," 25 de maio de 2001. Disponível em: <<http://www.chinaembassy.se/eng/xwdt/t101391.htm/>>.

9. Ibid.

10. "Venezuela, China to build satellite," *AFX—Asia*, 2 de novembro de 2005. Disponível em: <<http://www.finanznachrichten.de/nachrichten-2005-11/artikel-1977115.asp>>.

11. FORERO, Juan, "China's Oil Diplomacy in Latin America", *New York Times*, 1º de março de 2005, p. C-6.

12. "China Energy Watch: Can China Use More Venezuelan Crude," *Dow Jones Energy Service*, 8 de fevereiro de 2006.

13. Ibid.

14. IXER, 17 de fevereiro de 2006.

15. "Chávez: Oil Will be Destroyed if Attacked," *Associated Press*, 19 de abril de 2006.